

## **NOTA DE LEITURA**

**MOTA, L. T.; NOELLI, F. S.; TOMMASINO, E. K. (orgs.).**

***Uri e Wāxi - Estudos Interdisciplinares dos Kaingang.***

**Londrina: Ed. UEL, 2000. 377 p.**

André Prous<sup>1</sup>

O livro *Uri e Wāxi* é uma coletânea de textos escritos por 8 autores (vários antropólogos, dois arqueólogos, um arquiteto, uma médica e um lingüista) que participam de um seminário de pesquisa desde 1993. Estudam as etnias Jê meridionais, tentando reconstituir sua história a partir dos vestígios arqueológicos, dos textos históricos e de trabalhos de campo com indígenas atuais – sobretudo na região de Xapecó.

O primeiro texto, *Repensando os rótulos e a história dos Jê no sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar*, de Francisco Noelli, começa com um balanço (muito crítico) dos trabalhos arqueológicos realizados pelo PRONAPA durante os anos 60. O autor discute a óptica histórico - cultural, ao mesmo tempo difusionista e impregnada de determinismo ecológico, que caracteriza a orientação dos projetos dirigidos por B. Meggers e C. Evans; lamenta também a multiplicação das “tradições” arqueológicas que atomizou sem necessidade o registro arqueológico, sem trazer informações relevantes sobre as culturas pré-históricas. Esta crítica radical do primeiro projeto arqueológico de vulto realizado no Brasil tornou-se um *must* nas publicações arqueológicas do Brasil meridional e talvez seja hora de dedicar mais tempo a propostas novas para os trabalhos futuros. É o que F. Noelli sugere na p. 27, quando anuncia um “roteiro para um modelo alternativo”, que propõe uma maior integração entre arqueólogos, lingüistas e antropólogos, para situar as culturas arqueológicas” meridionais em relação às populações indígenas históricas.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

O texto de Fabiola Silva *As cerâmicas dos Jê do Sul do Brasil e os seus estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia Kaingang e Xokleng* analisa os textos que mencionam a fabricação de cerâmica, desde 1966 até 1973, para determinar as características das cerâmicas dos dois grupos Jê meridionais. Evita privilegiar as formas e decorações, para focar os elementos tecnológicos – também lembrando a existência de preceitos simbólicos, por exemplo na escolha da jazida de argila. Os textos confirmam a similitude geral entre a produção de ambos os grupos e a impossibilidade, no estágio atual dos conhecimentos, de diferenciá-los a partir dos vestígios arqueológicos.

O longo artigo de Lúcio Tadeu Mota, *Os índios Kaingang e seus territórios nos campos do Brasil meridional na metade do século XIX*, analisa, para cada região, os relatórios de presidentes da Província do Paraná, de viajantes, engenheiros e cartógrafos. Verifica-se a habilidade dos chefes indígenas em jogar entre os diversos escalões da burocracia, as diversas políticas – por vezes de luta, por vezes de aliança – com os Guaraní, os funcionários imperiais e federais e a Igreja. Os grupos locais dividem-se, ainda entre “colaboracionistas” que aceitam a deportação para novos territórios e os irredutíveis que lutam para que as reservas incluam os locais onde foram sepultados os corpos dos mortos (e onde permanecem suas almas) assim como o cordão umbilical dos vivos.

Destaca-se a preferência dos Kaingang para os campos abertos com capões de pinheiro, traço que compartilham com seus parentes Jê do Brasil central; mesmo assim, evidencia-se a exploração sazonal das zonas ribeirinhas, particularmente nas corredeiras onde os índios instalavam armadilhas durante a migração de inverno dos peixes para jusante. A política dos fazendeiros brancos foi justamente expulsar os índios dos campos para beneficiar seu gado, empurrando os indígenas para as matas.

O texto de Kimmiye Tommasino, *Território e territorialidade Kaingang. Resistência cultural e historicidade de um grupo Jê*, descreve a situação atual de escassez de terras e alimentos nas reservas, cuja extensão é cada vez mais insuficientes frente ao crescimento demográfico recente dos indígenas.

A nomenclatura indígena distingue as serras, os campos (onde estabelecem as aldeias) e as florestas (onde instalam acampamentos sazonais). Enquanto a aldeia permanente fica integrado ao mundo nacional dominante, os outros espaços continuam sendo explorados nos moldes tradicionais. Desta forma, “mover-se no espaço significa, assim, mover-se no tempo”. O autor destaca também a estrutura dual da sociedade

Kaingang e a mobilidade dos grupos familiares, que visitam seus parentes e mudam-se frequentemente de uma comunidade para outra.

No artigo *Em que abrigos se alojarão eles?*, Janir Simiema descreve as *In* (habitações coletivas Kaingang) tradicionais e as estruturas de acampamento provisórias, a partir de apontamentos escritos entre 1773 e 1941. Analisa suas modificações ao longo do contato com a sociedade dominante, no Posto Indígena Barão de Antonina, opondo a *In*, cuja transparência "não rompe a ligação com a terra", favorecendo a integração com a natureza e "casa (fornecido pelo) do Governo", com paredes fechadas, que "protege mas isola" (da luz, do vento, do sol e da natureza). Atualmente, existem vários tipos intermediários de habitação que, todos, mantêm elementos tradicionais - como um "puxado Kaingang" ou uma estrutura tradicional próxima a outra, "moderna". Os arqueólogos notarão particularmente a pouca visibilidade arqueológica dos acampamentos e a ausência de um padrão regular de distribuição das casas.

O primeiro texto de Juracilda Veiga trata da reviviscência de um ritual funerário coletivo (*Kikikoi*) em, 1976, depois de 20 anos de interrupção durante as pressões "integracionistas" do SPI e da FUNAI. Registra-se também o papel traumatizante da gravação do ritual o ritual realizada nos anos 50 por antropólogos que fizeram escutar aos xamãs a gravação de canções proibidas. A renovação do cerimonial foi incentivada por sacerdotes do CIMI e teve um papel relevante no despertar da autoconsciência indígena. No *Kikikoi* evidencia-se o papel complementar das duas metades patrilineares Kaingang.

Num segundo texto, a mesma antropóloga evidencia a importância da filiação patrilinear e o papel da nomeação das crianças entre os Kaingang, comparando suas características com as de outros grupos Jê. As crianças que padecem de alguma doença grave recebem um nome especial que as habilita a ter um papel privilegiado nas cerimônias funerárias quando tornam-se adultas. Ostentam pinturas corporais especiais, diferentes das que ornaram o corpo dos membros das 4 seções da sociedade Kaingang.

J. Veiga e W. da Rocha d'Angelis tratam a seguir do bilinguismo entre os Kaingang. Este tornou-se uma necessidade para todos os membros do grupo nos anos 50, quando foram submetidos a um regime de semi-escravidão, tendo que servir de peões para os invasores ou emigrar para a periferia das cidades. As primeiras escolas "bilingües" dirigidas pelo Summer Institute levava, de fato, ao abandono progressivo da língua materna a partir do 3º ano de escolaridade. As tentativas do CIMI de promover uma verdadeira escola bilingüe nos anos 80 não recebeu apoio

dos funcionários dos postos indígenas. De fato, as únicas crianças que chegam a 8ª série são monolíngues em português, o que torna difícil encontrar professores capazes de ensinar até rudimentos da língua Kaingang, que quase nenhum jovem fala, mesmo quando a consegue entender.

O último trabalho, de autoria de Maria Conceição Oliveira, descreve os sistemas de cura nas reservas Kaingang, distinguindo os "curadores" (que tratam com ervas), os *kuiã* (xamãs que atuam através de "guias espirituais" - animais, ou santos populares) e os feiticeiros. Descreve as prescrições, que incluem dietas, banhos e cuidados diversos. Através do exemplo de três curadores, a autora ilustra a prática da recém criada Igreja da Saúde, que integra saberes tradicionais e cultos populares como os de Nossa Senhora Aparecida e do Profeta catarinense João Maria.

Sente-se, por trás da diversidade dos textos, uma certa unidade de pensamento e de informação, obviamente proveniente das trocas de experiências. Trata-se de um ponto muito positivo, que mostra uma preocupação em se conectar as diversas áreas do conhecimento; mesmo assim, o caminho da integração entre especialistas de várias áreas é sempre muito demorado, fato que explica provavelmente a ausência de um texto que proponha um balanço. Fazemos votos para que esta equipe continue seu trabalho e possa proporcionar num futuro próximo uma síntese atualizada sobre os Jê meridionais.